ISSN: 2358-8829

ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Maria Santos de Oliveira [1]
Bruno Oliveira da Silva [2]

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva contemporânea transcende a mera garantia de acesso físico aos estabelecimentos de ensino, configurando-se como um campo de tensão entre o direito fundamental à educação e as barreiras estruturais que impedem o pleno desenvolvimento da subjetividade. No cenário atual, a construção da identidade de estudantes neurodivergentes e com deficiência é perpassada por discursos normatizadores que, muitas vezes, reduzem a pluralidade da existência humana a categorias biomédicas de déficit. Esse processo resulta em um obscurecimento do sujeito, dificultando sua trajetória de constituição como um ser de agência e reflexividade.

Sob a perspectiva humanista de Paulo Freire (2011), o processo educativo deve estar alinhado à "vocação ontológica" do ser humano para o "ser mais". Entretanto, quando a escola opera sob a lógica da "educação bancária", o estudante é destituído de sua condição de sujeito e transformado em objeto de intervenções técnicas e diagnósticas. Essa dinâmica impede o reconhecimento da singularidade e silencia a voz do discente, operando o que Freire define como uma desumanização sistemática (Freire, 1996).

Complementarmente, a sociologia de Gabriel Peters (2017) oferece ferramentas para compreender os entraves identitários nesse contexto. O autor descreve o "mal-estar na representação", fenômeno no qual o indivíduo, diante de exigências sociais de normalidade, é levado a adotar "máscaras sociais" que geram insegurança ontológica e alienação. Para o aluno que não se enquadra nos padrões neurotípicos, a escola pode tornar-se um espaço de vigilância constante, onde a necessidade de performance normativa fragmenta a autoidentidade e obstrui o reconhecimento intersubjetivo necessário para a formação do "eu" (Peters, 2017).

[1] Mestranda do programa de Pós-Graduação em Curriculo, Linguagens e Inovações Pedagógicas da Universidade Federal da Bahia - UFBA, liaholiveira94@gmail.com
[2] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, obruno60@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Justifica-se este estudo pela necessidade de superar a visão meramente integracionista e avançar para uma pedagogia da conscientização, que valorize a intercorporeidade e a diversidade como elementos centrais da experiência humana. Ao integrar as contribuições de Freire e Peters, busca-se fundamentar uma prática educativa que não apenas inclua formalmente, mas que valide a existência e a identidade de cada estudante em sua unicidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, estruturada sob a forma de revisão bibliográfica e documental. Este método foi selecionado por permitir a compreensão dos processos de subjetivação e da construção da identidade de estudantes neurodivergentes no contexto da educação inclusiva, a partir da síntese e análise crítica da literatura académica existente.

A recolha de dados consistiu no levantamento de artigos científicos, teses, livros e publicações em bases de dados eletrónicas (como SciELO, Redalyc, eduCAPES e repositórios universitários), além de periódicos e portais especializados nas áreas da educação e sociologia. A seleção das fontes priorizou obras rigorosamente alinhadas às perspetivas teóricas humanistas e da sociologia existencial, com foco nos contributos de Paulo Freire e Gabriel Peters.

Para a constituição do corpus de análise, foram aplicados critérios de inclusão específicos: (a) textos que investigam a educação inclusiva sob a ótica da neurodiversidade e da emancipação humana; (b) publicações que mobilizam categorias teóricas como "educação bancária", "mal-estar na representação", "insegurança ontológica" e "dialogicidade"; e (c) estudos que articulam a práxis pedagógica com o reconhecimento intersubjetivo e a intercorporeidade. Foram excluídas as produções que analisam a deficiência sob um paradigma estritamente biomédico ou patologizante, bem como materiais ancorados em perspetivas teóricas divergentes do referencial humanista delineado para este estudo.

A análise dos dados recolhidos decorreu mediante o método de análise de conteúdo. O procedimento analítico envolveu uma leitura preliminar para o reconhecimento das fontes, seguida da extração das informações pertinentes e da sua codificação. Os achados foram sistematizados em categorias temáticas que refletem os objetivos do estudo: os entraves provocados pelas lógicas de normatização e pela escola tradicional; os efeitos da imposição de padrões normativos na identidade discente; e os

caminhos para a consolidação de uma ética inclusiva baseada na conscientização. A interpretação das categorias foi conduzida de forma lógica e objetiva, relacionando as evidências literárias com o problema de investigação, sem recorrer a generalizações não apoiadas nos textos originais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura e dos documentos selecionados revela que o processo de subjetivação de estudantes neurodivergentes encontra severos obstáculos na estrutura educacional contemporânea. Verifica-se que a imposição de padrões normativos e o foco excessivo no diagnóstico clínico operam como mecanismos de exclusão, que dificultam a afirmação da identidade e o desenvolvimento da autonomia discente.

Os dados analisados demonstram um conflito central entre os princípios de uma educação humanizadora e as práticas pedagógicas observadas no cotidiano escolar, frequentemente ancoradas na lógica da "educação bancária". A Tabela 1 sistematiza as dimensões freirianas da educação e o impacto de sua negação na subjetividade do estudante neurodivergente.

Tabela 1 - Opressão escolar e a negação da pedagogia freiriana

Dimensão Freiriana	Impacto na Subjetivação Neurodivergente	Consequência da Negação (Opressão)
Vocação para Ser Mais / Dialogicidade	Reconhecimento do potencial criativo e autônomo do sujeito. Troca horizontal de saberes entre professor e aluno.	Redução do indivíduo ao diagnóstico clínico (reificação). Silenciamento da voz e da experiência sensorial do aluno.
Educação Problematizadora	Uso da realidade do aluno como ponto de partida pedagógico.	Imposição de currículos rígidos e descontextualizados.
Ética do Respeito	Valorização da diferença como característica humana.	Obsessão curativa e tentativa de normalização forçada.
Autonomia	Capacidade de decidir e agir sobre o próprio destino.	Tutela excessiva e infantilização de adultos neuroatípicos.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2026

A discussão dos dados da Tabela 1 indica que a ausência de dialogicidade silencia a experiência sensorial e cognitiva do aluno. Quando o sistema educativo prioriza a adequação comportamental em detrimento da escuta ativa, o estudante é reificado, ou seja, reduzido à sua condição diagnóstica. Esse cenário corrobora a premissa de que a educação destituída de problematização impõe uma normalização forçada, que infantiliza e retira a capacidade de agência do sujeito.

ISSN: 2358-8829

Sob o ponto de vista da sociologia existencial, a adequação a essa estrutura normativa gera adoecimento psíquico. A análise das tensões entre o indivíduo neurodivergente e o meio social escolar evidencia o fenômeno do "mal-estar na representação". A Tabela 2 descreve as categorias analíticas que ilustram as tensões dialéticas enfrentadas por esses estudantes.

Tabela 2 - Tensões dialéticas na subjetivação do estudante neurodivergente

Tensão Dialética	Manifestação no Sujeito Neurodivergente	Obstáculo à Subjetivação
Agência vs. Estrutura	Esforço para agir autonomamente em espaços sensoriais hostis.	A estrutura dita o que é "comportamento funcional".
Reflexividade vs. Habitus	Necessidade de monitorar constantemente a própria conduta.	Falta de espontaneidade e cansaço cognitivo crônico.
Eu vs. Máscara (Persona)	O fenômeno do masking e a camuflagem de traços atípicos.	Alienação e sensação de inautenticidade existencial.
Realidade Interna vs. Exigência Externa	Percepção sensorial intensa ou foco hiperfocado.	Invalidada como "desatenção" ou "descontrole".
Segurança vs. Incerteza	Busca por rotinas e previsibilidade (segurança ontológica).	O social é caótico e repleto de normas implícitas opacas.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2026

Observa-se, a partir da Tabela 2, que a tentativa de adaptação a um *habitus* normativo exige do aluno uma reflexividade constante, culminando em exaustão cognitiva. A camuflagem de traços atípicos, também descrita como *masking*, ilustra a adoção forçada de máscaras sociais, o que produz alienação e compromete a segurança ontológica do aluno. A percepção sensorial do aluno é rotineiramente invalidada, classificada pelas instituições como falta de atenção, reforçando o descompasso entre a experiência interna e as exigências do ambiente.

Para superar tais entraves, os resultados apontam para a necessidade de estruturação de um ambiente educativo pautado em pilares emancipatórios. A Tabela 3 propõe uma síntese entre a perspetiva humanista e a aplicação sociológica, definindo diretrizes para uma prática inclusiva real.

Tabela 3 - Pilares da subjetivação emancipatória na educação inclusiva

Pilar de Subjetivação	Descrição Humanista (Freire)	Aplicação Sociológica (Peters)
Ética do Respeito	Reconhecer o outro como sujeito inacabado e digno.	Combater a reificação do sujeito pelo diagnóstico médico.
Estética da Humanização	Criar processos educativos que valorizem a sensibilidade.	Ajustar as "atmosferas" sensoriais e afetivas da escola.
Política da Cidadania	Educação como ato transformador da realidade injusta.	Fortalecer a agência do sujeito frente às coações sociais.

Dialogicidade	Encontro horizontal para a construção do sentido.	Validar a experiência subjetiva como fonte de conhecimento.
Solidariedade	A busca do "ser mais" em comunhão com os outros.	Criar redes de suporte que garantam segurança ontológica.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2026

A discussão converge para a urgência de uma reconfiguração do espaço escolar. A aplicação do princípio da solidariedade e da dialogicidade permite que a escola funcione como um espaço de validação intersubjetiva, onde o aluno encontra a segurança ontológica necessária para a construção de sua autoidentidade. O ajuste das "atmosferas sensoriais" e a legitimação da experiência subjetiva operam como antídotos à medicalização excessiva, garantindo que a educação cumpra o seu papel de fortalecimento da agência humana diante das estruturas de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo retomam o objetivo central de analisar os processos de subjetivação de estudantes neurodivergentes no contexto da educação inclusiva, articulando a pedagogia humanista de Paulo Freire e a sociologia existencial de Gabriel Peters. A investigação demonstrou que a imposição de padrões normativos e neurotípicos no ambiente escolar atua como uma barreira à constituição da identidade autônoma destes alunos.

Os resultados evidenciaram que as instituições de ensino, ao adotarem práticas características da "educação bancária", tendem a reificar o estudante, reduzindo-o a um diagnóstico clínico e ignorando as suas especificidades sensoriais e cognitivas. Esta dinâmica estrutural exige que o aluno neurodivergente desenvolva uma reflexividade contínua para se adaptar a um *habitus* que não lhe é natural, o que frequentemente resulta no uso forçado de máscaras sociais. Consequentemente, gera-se o que a literatura define como "mal-estar na representação" e uma profunda insegurança ontológica, fenómenos que limitam a agência do sujeito e promovem a alienação no espaço educativo.

A análise indicou que a efetivação da educação inclusiva ultrapassa a mera inserção física do aluno na sala de aula. É imperativa a adoção de uma práxis pedagógica fundamentada na dialogicidade, na ética do respeito e na adequação das atmosferas sensoriais e afetivas da escola. O reconhecimento da validade das experiências atípicas estabelece-se como condição para desconstruir a patologização e promover um ambiente onde o aluno possa exercer a sua vocação ontológica para "ser mais".

Em suma, a síntese teórica e analítica aponta que a educação cumpre a sua função humanizadora quando assegura a integridade e a segurança ontológica de todos os

discentes, independentemente da sua configuração neurológica. A inclusão emancipatória consolida-se por meio de redes de suporte e do reconhecimento intersubjetivo que legitimam a pluralidade do existir, restituindo aos sujeitos o direito à palavra, à autonomia e à autoria da própria biografia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. Paulo Freire e o direito à palavra dos oprimidos e das oprimidas na contemporaneidade. **Revista Extraprensa**, São Paulo, 2021. Disponível em: https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/192390/182115. Acesso em: 8 abr. 2026.

CARVALHO, M. A pedagogia de Paulo Freire e o processo ensino-aprendizagem na educação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbem/a/jg9jPgnZRrqBy7WTDdrpFcn/?format=html&lang=pt. Acesso em: 8 abr. 2026.

COSTA, R. Vigotski e Freire: tecendo caminhos para uma educação inclusiva. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122022000100310. Acesso em: 8 abr. 2026.

FERREIRA, A. Autismo e Paulo Freire: a inter-relação entre ética, estética e educação. **Revista de Educação UPF**, Passo Fundo, 2023. Disponível em: https://ojs.upf.br/index.php/rep/article/view/16121. Acesso em: 8 abr. 2026.

FERREIRA, L. 1ª Mostra Científica das Licenciaturas da Unisantos. **Anais [...]**. Santos: Unisantos, 2025. Disponível em: https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2025/12/ANAIS-LICENCIATURAS-2025.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIMA, T. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes. **Pedagógica**, Unochapecó, Chapecó, 2022. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/download/7871/4193/32516. Acesso em: 8 abr. 2026.

MARTINS, S. **Paulo Freire e inclusão escolar: reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem**. Fortaleza: Seduc CE, 2021. Disponível em: https://www.ced.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/82/2021/11/PAULO-FREIRE-E-INCLUSAO-ESCOLAR-REFLEXOES-SOBRE-O-PROCESSO.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

OLIVEIRA, M. S. **Além dos muros da escola: a educação inclusiva e a construção da identidade**. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

PEREIRA, J. Pensar educação inclusiva em uma perspectiva freiriana. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, UNIT, Aracaju, 2022. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/cdghumanas/article/view/4447. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. A teoria vivida (como psicose): objetivismo, subjetivismo e esquizofrenia. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/bvRhVFW4H94PYFVhy6wM6SQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. Admirável senso comum? Agência e estrutura na sociologia fenomenológica. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/938/93820778009.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. Bourdieu em pílulas (2): objetivismo, subjetivismo e praxiologia. **Blog do Labemus**, 2020. Disponível em: https://blogdolabemus.com/2020/03/02/bourdieu-em-pilulas-2-que-cazzo-e-praxiologia-por-gabriel-peters/. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. Enlouquece-te a ti mesmo (7): o doente imaginário. **Blog do Labemus**, 2019. Disponível em: https://blogdolabemus.com/2019/03/11/enlouquece-te-a-ti-mesmo-7-o-doente-imaginario-por-gabriel-peters/. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/DVWhYRHDxhgN3yz49tVHTKz/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. Intercorporeidade, interafetividade e atmosferas: por uma ciência social de "climas", "vibes" e "danças" interacionais. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, 2022. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/59881. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. O mal-estar na representação: autoidentidade, esquizofrenia e a teatralidade do mundo social. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 2, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/jd8zFB8QFLMYQJ577hyPjxL/?lang=pt. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. O que resta da subjetividade: sono, depressão e outras "resistências passivas" à subjetivação capitalista. **Redalyc**, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5957/595777506008/. Acesso em: 8 abr. 2026.

PETERS, G. Teoria social e sociologia existencial. **Sistema de Informação Científica Redalyc**, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/742/74266857001/74266857001.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

ROCHA, P. Revista Científica Multidisciplinar. **Instituto Saber de Ciências Integradas**, v. 12, n. 10, out. 2025. Disponível em: https://www.isciweb.com.br/revista/images/Ed-65_completa.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

SANTOS, D. Deficiência e classe social: uma abordagem interseccional em diálogo com o pensamento de Paulo Freire. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/download/38577/25550/169647. Acesso em: 8 abr. 2026.

SILVA, A. Neurodiversidade na escola: desafios e caminhos para uma educação com equidade. **Bett Show Brasil**, 2024. Disponível em: https://brasil.bettshow.com/bett-blog/neurodiversidade-na-escola-desafios-e-caminhos-para-uma-educacao-com-equidade. Acesso em: 8 abr. 2026.

SOUZA, F. Experiências discentes: acesso e permanência de neurodivergentes no espaço universitário. **Revista FAEBA**, Salvador, 2023. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/faeeba/article/download/23898/16321/89989. Acesso em: 8 abr. 2026.